

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

JOÃO VITOR TRINDADE FERREIRA DA COSTA
ORIENTADOR: RAPHAEL ZILLIG

**AS COMPLICAÇÕES DO CANDIDATO À 'OUSIA' DO TRATADO DAS
CATEGORIAS COM OS TRATADOS DA FÍSICA: O DESENVOLVIMENTO DO
CONCEITO DE MATÉRIA E FORMA EM ARISTÓTELES E SUAS
CONSEQUÊNCIAS.**

MODALIDADE: MONOGRAFIA

PORTO ALEGRE
2022

AS COMPLICAÇÕES DO CANDIDATO À 'OUSIA' DO *TRATADO DAS CATEGORIAS* COM OS *TRATADOS DA FÍSICA*: O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE MATÉRIA E FORMA EM ARISTÓTELES E SUAS CONSEQUÊNCIAS.

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr Raphael Zillig

Porto Alegre
2022

**AS COMPLICAÇÕES DO CANDIDATO À 'OUSIA' DO TRATADO DAS
CATEGORIAS COM OS TRATADOS DA FÍSICA: O DESENVOLVIMENTO DO
CONCEITO DE MATÉRIA E FORMA EM ARISTÓTELES E SUAS
CONSEQUÊNCIAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Resultado: _____B_____

Porto Alegre, 16 de maio de 2022

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Lia Levy - UFRGS

Dr. Rodrigo Romão de Carvalho - UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Trindade Ferreira da Costa, João Vitor
AS COMPLICAÇÕES DO CANDIDATO À 'OUSIA' DO TRATADO
DAS CATEGORIAS COM OS TRATADOS DA FÍSICA: O
DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE MATÉRIA E FORMA EM
ARISTÓTELES E SUAS CONSEQUÊNCIAS. / João Vitor
Trindade Ferreira da Costa. -- 2022.
42 f.
Orientador: Raphael Zillig.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
Filosofia, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Aristóteles. 2. Metafísica. 3. Física I e II. 4.
Tratado das Categorias. 5. Substância. I. Zillig,
Raphael, orient. II. Título.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a minha paixão, musa e inspiração Tauana Ayres, por sempre estar do meu lado, me oferecendo carinho, conforto e conselhos; meus pais, que sempre abdicaram de muita coisa para que eu pudesse estudar, meus irmãos e o resto de minha família pelo carinho que sempre recebi.

Também gostaria de agradecer o professor Raphael Zillig pela dedicação e paciência com que me orientou nessa pesquisa, bem como pelas excelentes cadeiras ministradas, sem as quais eu não teria me apaixonado pela filosofia antiga; a professora Lia Levy pela cadeira de Introdução ao TCC, cujos conselhos foram essenciais para que essa pesquisa tenha sido realizada; e os demais professores do departamento de filosofia UFRGS, por serem profissionais inspiradores e que me fazem ter orgulho de estudar na instituição.

Por fim gostaria de agradecer a todos os meus amigos, que foram uma segunda família para mim que tive que morar separado dos meus pais desde que me mudei para Porto Alegre.

Resumo:

Este trabalho de conclusão de curso de Filosofia tem como objetivo analisar a mudança de candidato a 'ousia', de "particular concreto" para "forma do particular", que ocorre nas obras de Aristóteles entre *Tratado das Categorias* e o livro *Metafísica Z*. O trabalho aborda a hipótese de que o desenvolvimento dos conceitos de matéria e forma nos livros *Física I e II* é responsável por causar dificuldades para o candidato "particular concreto" estabelecido no *Tratado das Categorias*, culminando na mudança do candidato à *ousia* para a "forma do particular", candidato a 'ousia' estabelecido na *Metafísica Z*.

O trabalho começa analisando o *Tratado das Categorias* acerca de sua autenticidade, objetivo central da obra e critérios da 'ousia'. Após isso, o trabalho analisa o desenvolvimento de matéria e forma que ocorre nos livros *Física I e II*, bem como o contexto filosófico em que ambos os conceitos foram desenvolvidos. Então o trabalho analisa as dificuldades geradas pela divisão do particular concreto em matéria e forma e como isso faz com que Aristóteles deixe de considerá-lo "ousia primeira", já que a forma é anterior por natureza. o que faz com que o 'particular concreto' deixa de ser a resposta mais apropriada para a pergunta "o que é?"

Palavras Chave: Aristóteles, Metafísica, Categorias, Substância, *Física*

Abstract:

This Paper aims to analyze the change of candidate for 'ousia', from "concrete particular" to "form of the particular", which occurs in Aristotle's works between *Categories* and *Metaphysics Z*. The work addresses the hypothesis that the development of the concepts of matter and form developed in *Physics I and II* is responsible for causing difficulties for the "concrete particular" candidate established in the *Treaty of Categories*, culminating in the change of the candidate to the 'ousia' for the "form of the particular", which is the candidate for 'ousia' established in *Metaphysics Z*.

The work begins by analyzing the *Categories* about its authenticity, the central objective of the treatise and the criteria of 'ousia'. After that, the work analyzes the development of matter and form that occurs in *Physics I and II*, as well as the philosophical context in which both concepts were developed. Then the paper analyzes the difficulties generated by the division of the concrete particular into matter and form and how this makes Aristotle stop considering it "first ousia", since form is previous by nature. Which makes "concrete particular" an inappropriate answer to the 'what is it?' question.

Keywords: Aristotle, *Metaphysics*, *Categories*, substance, *Physics*

Sumário

1	Introdução.....	5
2	O candidato 'ousia' no <i>Tratado das Categorias</i> e seus critérios.....	7
2.1	Autenticidade do <i>Tratado das Categorias</i>	7
2.2	O objeto de estudo do <i>Tratado das Categorias</i> e seus usos nas demais obras do <i>corpus Aristotelicum</i>	10
2.3	'Ousia' e suas traduções.....	10
2.4	Estrutura do <i>Tratado das Categorias</i>	12
2.5	Homonímia, sinonímia e paronímia.....	13
2.6	“estar presente em” e “ser dito de”.....	15
2.7	Prioridade ontológica dos particulares.....	17
2.8	'ousia' primeira e 'ousia' segunda.....	17
2.9	As Características da 'ousia'.....	19
2.10	As quatro formas de anterioridade.....	22
3	Os tratados da <i>Física</i>.....	25
3.1.	O desafio de Parmênides.....	25
3.2	Natureza: um princípio interno de movimento.....	27
3.3	Potência e ato: a justificação da mudança.....	29
3.4	O número de princípios da natureza de Aristóteles.....	30
3.5	As diferentes maneiras de vir a ser.....	32
3.6	Matéria e forma: Os princípios dos entes naturais.....	34
3.7	A essência do ente natural.....	36
4	Dificuldades enfrentadas pelo candidato à 'ousia' estabelecida no <i>Tratado das Categorias</i> com o conceito de matéria e forma.....	38
4.1	Perda da prioridade.....	38
4.2	A resposta para “o que é”?.....	40

5 Conclusão.....41

Referências Bibliográficas.....42

1 Introdução

Aristóteles ao longo de sua obra passa por diversas mudanças em suas concepções a respeito de temas chaves, não perdendo a chance de revisá-los caso julgasse necessário. Isso é especialmente evidente nas alterações existentes entre *Ética A Eudemo* e *Ética Nicomaquéia* e no *Tratado das Categorias* e *Metafísica Z*. O tema que essa pesquisa se dispõe a pesquisar diz respeito à introdução do conceito de matéria e forma desenvolvidas por Aristóteles em *Física I*, que acaba por alterar o candidato à '*ousia*' defendida por Aristóteles no *Tratado das Categorias*.

Para esse fim, a pesquisa irá começar na seção 2, analisando aspectos do *Tratado das Categorias*, a obra que inicia a numeração Beckere e seguramente é mais antiga que os livros de *Física* e os livros da *Metafísica*. Será feito primeiramente uma análise a respeito da autenticidade do *Tratado das Categorias*, após isso será feito um estudo da função das Categorias, onde será analisado a controvérsia se as Categorias são de fato uma obra metafísica. Após estabelecer as razões que levam esse trabalho a assumir que se trata de uma obra metafísica, Serão abordadas as razões que nos levam a empregar o termo grego '*ousia*' em sua forma transliterada, evitando a tradução tradicional "substância", bem como as demais alternativas propostas na literatura Após isso será analisada a estrutura textual do *Tratado das Categorias*, também serão apresentadas todas as categorias discutidas no tratado, incluindo a '*ousia*', o foco dessa pesquisa.

Em seguida, será feita a análise dos conceitos de homonímia, sinonímia e paronímia introduzidos nas Categorias e seu papel em desembaraçar as formas de dizer o ente.

Após isso, serão analisados os critérios ontológicos para a distinção das categorias, como "ser dito de" e "presente em" e como isso se relaciona com o papel ontologicamente privilegiado da '*ousia*' no *Tratado das Categorias*.

Então a pesquisa passará a analisar a prioridade ontológica dos particulares sobre os universais que existe dentro da categoria '*ousia*' e sua razão de ser. Também será analisado em sequência de que maneira existe uma '*ousia*' primeira e uma '*ousia*' segunda.

Após isso será analisado um conjunto de critérios que um ente deve satisfazer para ser '*ousia*', após isso A seção 2 será, então, encerrada com uma análise das formas de anterioridade estabelecida nas Categorias.

A seção 3 desta pesquisa tem como objetivo estabelecer o contexto filosófico em que o conceito de matéria e forma são introduzidos nos livros I e II da *Física*, que foram escritos posteriormente ao *Tratado das Categorias*.

Os conceitos de matéria e forma são centrais para esse trabalho, pois são os candidatos a '*ousia*' estabelecido nos livros da *metafísica*, obra posterior aos livros da *Física*.

Com a introdução do conceito de matéria e forma, Aristóteles reabre o debate a respeito de qual candidato é adequado para desempenhar o papel de '*ousia*'. No *Tratado das Categorias*, Aristóteles atribui o papel de "*ousia*' primeira" para o concreto particular, como Sócrates ou Parmênides, e secundariamente para as espécies e os gêneros da primeira categoria da '*ousia*', como Humano ou cachorro.

Nos livros da *Metafísica*, no entanto, ele opta por apresentar não só o concreto particular, mas a matéria e a forma como candidatos à '*ousia*'. No final de sua análise Aristóteles escolhe a forma como na '*ousia*', descartando rapidamente o concreto particular.

A seção 3 começa apresentando o desafio de Parmênides, uma tese defendida pelo filósofo de que o movimento seria impossível, bem como a solução apresentada por Aristóteles.

Após isso, a pesquisa irá analisar os estudos de Aristóteles a respeito da mudança do ente natural, bem como as diferentes formas que Aristóteles utilizava a palavra "natureza".

Após isso, essa pesquisa irá analisar os conceitos de potência e ato tal como desenvolvidos nos primeiros livros da *Física* e como eles se relacionam com a matéria e a forma.

Então a pesquisa irá passar a analisar o número de princípios que um ente deve ter para o movimento ser possível. A análise do número de princípios que um ente deve ter para manter a identidade na mudança são três, que são o substrato e os opostos. O substrato é necessário para que a mudança na '*ousia*' seja possível sem que se perca a identidade do ente, pois é aquilo que permanece no processo de mudança, enquanto os opostos são necessários pois não podem ser reduzidos em uma única coisa. Aristóteles, no entanto chega a conclusão de que os opostos podem ser explicados com apenas um dos opostos, através da existência ou ausência de um deles, fazendo com que apenas dois princípios sejam necessários.

Em seguida, a pesquisa passa a analisar de que forma é possível compreender o substrato, ou matéria, bem como analisar o conceito de forma introduzido por Aristóteles e porque ambos são naturezas do ente natural.

A seção 3 encerra com um estudo a respeito da essência em Aristóteles e qual das naturezas do ente natural representa a sua essência.

Na seção 4 são analisadas as dificuldades que surgem para o candidato a '*ousia*' das categorias exercer propriamente o papel ontologicamente privilegiado que a '*ousia*' exerce na ontologia de Aristóteles.

Essa pesquisa se situa em um período temporal específico, onde o Tratado das Categorias e os livros I e II da *Física* já foram escritos, mas a obra *Metafísica* ainda não.

A tese dessa pesquisa é de que as dificuldades entre as naturezas matéria e forma e o candidato à "*ousia*" "concreto particular" desenvolvido no *Tratado das Categorias* já existiam mesmo antes dos livros da *Metafísica* terem sido escritos. Logo, só será analisado nesta pesquisa dificuldades relacionadas com os critérios dados para '*ousia*' primeira estabelecidos no *Tratado das Categorias*¹².

As citações de autores em inglês utilizadas nessa pesquisa foram traduzidos por mim, essa escolha foi tomada com a finalidade de tornar o trabalho mais acessível. Todas as citações da palavra "substância" utilizadas pelos tradutores e comentadores foram substituídas por '*ousia*' em todos os casos que tal tradução era possível. Essa decisão também foi tomada com intuito de desembaralhar o texto para alguém não tão familiar com a distinção.

2 O candidato '*ousia*' no *Tratado das Categorias* e seus critérios

2.1 Autenticidade do *Tratado das Categorias*

¹ Foi utilizada para esse trabalho a tradução dos livros I e II da *Física* e *Metafísica* *iv* e *viii* de Lucas Angioni (2009), a tradução do *Tratado das Categorias* utilizada foi a de Ricardo Santos (2014).

² As citações de autores em inglês utilizadas nessa pesquisa foram traduzidos por mim, essa escolha foi tomada com a finalidade de tornar o trabalho mais acessível. Todas as citações da palavra "substância" utilizadas pelos tradutores e comentadores foram substituídas por '*ousia*' em todos os casos que tal tradução era possível. Essa decisão também foi tomada com intuito de desembaralhar o texto para alguém não tão familiar com a distinção.

Antes de poder abordar a '*ousia*' no *Tratado das Categorias* é necessário estabelecer seu objeto de estudo como uma obra de metafísica nas obras de Aristóteles, uma vez que existe bastante polêmica envolvendo o objeto de estudo do *Tratado das Categorias* no *corpus aristotelicum*, com alguns comentadores defendendo se tratar de uma obra falsamente atribuída à Aristóteles, Suzanne Mansion atribuía o *Tratado das Categorias* "à mão ainda inábil de um jovem discípulo de Aristóteles". (Mansion 1984: pg301)

Existem algumas evidências para sustentar a inautenticidade das Categorias, como o fato de ser um dos únicos textos que não faz referência a outros tratados aristotélicos, tampouco é referenciado apesar das categorias ser um tema recorrente no *corpus aristotelicum*, ou o fato de iniciar abruptamente, ao invés de explicar o objetivo de estudo como é típico dos tratados de Aristóteles, além das diferenças inconciliáveis entre a '*ousia*' no *Tratado das Categorias* e os livros centrais da *Metafísica*, que serão analisados profundamente no desenvolver dessa pesquisa.

Porém, essa tese perdeu força após o Michael Frede, em seu artigo "The Title, Unity, and Authenticity of the Aristotelian Categories", que está entre os mais relevantes do século passado, apresentar argumentos extremamente convincentes a respeito da autenticidade das Categorias como uma obra escrita por Aristóteles.

Dentre esses argumentos Frede cita diversos relatos de comentadores antigos a respeito dos discípulos de Aristóteles seguindo seus passos na composição de tratados a respeito das categorias, a despeito de nenhum desses textos terem chegado até nós na atualidade. Frede também apresenta um argumento filosófico a respeito da proximidade temática e filológica entre o *Tratado das Categorias*, como pode ser observado na seguinte passagem:

"na linguagem e no conteúdo o tratado está tão próximo dos Tópicos que, em minha opinião, não se pode deixar de atribuir os dois textos ao mesmo autor, exceto se houver razões muito fortes contra isso" (FREDE,1987,p25)

Encerrando a discussão de autenticidade do tratado naquilo que diz respeito a essa pesquisa, resta certamente a mais importante das objeções para o objetivo dessa pesquisa, que é a objeção com base justamente nas diferenças inconciliáveis da formulação da '*ousia*' entre o *Tratado das Categorias* e os livros médios da *Metafísica*.

Frede, no entanto, argumenta que das diferenças inconciliáveis entre textos de um autor filosófico não se extrai necessariamente que um dos textos é falso, na medida em que o desenvolvimento histórico desse autor pode demonstrar a evolução de suas ideias. Então para poder afirmar a falsidade de uma obra filosófica com base na dissonância dela com outra obra do mesmo autor é preciso que se mostre que a dissonância entre a obra x para com a obra y é incompatível com desenvolvimento histórico do autor, o que não é o caso da relação entre as *Categorias* e os livros da *Metafísica*, uma vez que a veracidade do desenvolvimento histórico-filosófico sequer depende da autenticidade do *Tratado das Categorias*. A razão disso é que algumas das teses defendidas nas *Categorias* que se opõem à obra *Metafísica* são defendidas nos Tópicos, um texto seguramente autêntico, como a tese de que não só o indivíduo, mas também a espécie e o gênero são '*ousiai*'.

2.2 O objeto de estudo do Tratado das Categorias e seus usos nas demais obras do *corpus Aristotelicum*

Uma vez que já tratamos da questão acerca da autenticidade do *Tratado das Categorias*, cabe discutir a sua função no conjunto das obras de Aristóteles, pois alguns comentadores defendem se tratar de um tratado de lógica, direcionada a estabelecer técnicas dialéticas, enquanto outros comentadores defendem se tratar de uma obra de caráter metafísico. Isso se faz importante para a realização dessa pesquisa uma vez que caso se trate de um tratado a respeito do discurso, mas não da realidade, estaremos cometendo um erro ao comparar com a '*ousia*' no *Tratado das Categorias* com a '*ousia*' na *Metafísica*. Para a realização deste trabalho adotaremos a segunda posição³. Para justificar tal escolha, vou utilizar a seguinte passagem do professor Marcos Zingano da USP na revista Dois Pontos vol.10:

“Com efeito, Aristóteles recorre ao expediente de determinar em que categoria um termo se diz ou deve ser dito também em seus procedimentos filosóficos ou científicos, ligados à busca da verdade e não simplesmente ao acordo entre opiniões. Ao constatar que o termo bem é empregado em diferentes categorias (de fato, em todas nas quais se dispersa igualmente ser), Aristóteles concluirá que bem não é dito de modo comum e universal (como supunha a tese platônica), pois, se fosse assim, “não seria dito em todas as categorias, mas em uma somente” (EN I 4 1096a28-29).

³ Há uma terceira interpretação de que o *Tratado das Categorias* se trata de uma obra de linguagem com noções Metafísicas, essa tese não será diretamente abordada pela pesquisa uma vez que caso a obra tenha noções metafísicas, a viabilidade dessa pesquisa está assegurada

Aristóteles está aqui argumentando em um contexto filosófico para descartar uma tese avançada (a tese platônica sobre o bem). Em linha similar, no *De anima*, ao iniciar o estudo da natureza da alma, Aristóteles preocupa-se preliminarmente em determinar em que categoria se encontra o objeto de estudo, a alma, “pois isso é de grande relevância” (διαφέρει γὰρ οὐ μικρόν: *De anima* I 1 402a26- b1; cf. I 5 410a13-16). (ZINGANO,2013,p241)

O que Zingano defende nessa passagem é que Aristóteles repetidamente utiliza em seu *corpus* filosófico as categorias como uma ferramenta para mostrar aspectos ontológicos da realidade, quando Aristóteles afirma que o bem se diz de muitas maneiras, ele não está argumentando a respeito de aspectos formais do discurso, mas mobilizando as categorias para uma análise a respeito da realidade. Isso fortalece a tese de que o *Tratado das Categorias* se trata de um projeto de metafísica regional.

O *Tratado das Categorias*, ainda que trate de metafísica, pode ser considerado apenas uma metafísica parcial, uma vez que carece de elementos fundamentais para um projeto metafísico, como um motor primeiro, para explicar como as coisas vieram a ser, ou uma explicação de porque as coisas são como elas são. Aquilo em que o *Tratado das Categorias* obtém algum êxito é em estabelecer critérios ontológicos para a distinção da realidade em diferentes categorias, sendo elas: 'ousia', para as coisas sensíveis; e para as coisas não-sensíveis: Quantidade, Qualidade, Relação, Lugar, Tempo, Posição, Estado, Ação e Afecção. Aristóteles mostra através de seus critérios de investigação que não apenas coisas sensíveis se diferenciam das coisas não-sensíveis, mas também que as coisas não-sensíveis se diferenciam entre si de tal forma que não podem ser concebidos em uma única categoria, mas se dividem em 9 categorias distintas, todas elas sendo *summa genera* e todas elas tendo características próprias, que torna imprópria qualquer tentativa de unificá-las ou dividi-las ainda mais.

Tendo estabelecido as razões desse trabalho tomar o *Tratado das Categorias* como uma obra que contém teses metafísicas, bem como estabelecido seu objeto de estudo, pode-se prosseguir para a análise da 'ousia' nas categorias.

2.3 'Ousia' e suas traduções

'ousia' historicamente foi traduzido como "substância". Escolhi nesta pesquisa deixar o termo sem tradução pelas razões que irei expor agora.

A tradução “substância” carrega um sentido etimológico que nos leva a interpretá-la como algo que “stands under”, enquanto a primeira vista podemos achar tal sentido etimológico condizente com a visão de *'ousia'* estabelecida nas obras de Aristóteles onde as *'ousiai'* pertencem a coisa indivisível, porém nos deparamos com dificuldades em acomodar diversos usos de Aristóteles para o termo, como pode ser demonstrado na seguinte citação no livro Z da metafísica.

“A alguns parece que são *'ousiai'* os limites do corpo, por exemplo, superfície, reta, ponto e unidade e que o são mais do que o corpo e o sólido. Além disso, alguns julgam que não há nada de tal tipo para além das coisas sensíveis, ao passo que outros julgam que há *'ousiai'* eternas em maior número, sendo seres mais do que as outras, como Platão julga que as Formas e os objetos matemáticos são duas *'ousiai'* e que a terceira é a *'ousia'* dos corpos sensíveis. Espeusipo, por sua vez, julga que há mais *'ousiai'*, começando a partir do Um, e julga que há princípios para cada *'ousia'*: um princípio para os números, outro para as magnitudes e, em sequência, um para a alma. Desse modo, ele amplia o âmbito das *'ousiai'*. Alguns, de outra parte, dizem que as Formas e os números têm a mesma natureza, os outros seres vindo em seguida: retas e planos até a *'ousia'* do universo e as coisas sensíveis.” (1028b16-26)

Nessa citação pode-se notar que Aristóteles utiliza o termo não na forma de uma coisa que está dentro de outra, mas sim como um objeto particular abstrato que cumpre determinada função explicativa, caso contrária, não faria sentido colocar candidatos tão distintos como as formas platônicas, os números pitagóricos e os átomos de Demócrito. Embora essa passagem seja posterior ao *'frame'* temporal que se situa o trabalho, ele é bastante esclarecedor por mostrar candidatos de outros filósofos ao papel de *'ousia'* que não utilizam de critérios próximos dos estabelecidos em ambos os tratados e ainda assim são expostos como “candidatos” por Aristóteles. E o que esses critérios têm em comum é que são entidades ontologicamente privilegiadas nas ontologias dos filo

Outro fator problemático acentuado pelos exemplos estabelecidos por Aristóteles é que não condizem com a etimologia da palavra “substância”, de fato em nenhuma de suas obras vemos Aristóteles dar a entender que existe tal sentido pré-teórico do termo *'ousia'*, como expõem Michael Loux:

“O Aristóteles das *Categorias* certamente acreditava que, em última análise, o termo *'ousia'* poderia ser usada para identificar o que nós poderíamos chamar de *summum genus* da maior ordem, mas mesmo ele não acredita que existe algum alguma natureza ou sentido pré-teoricamente expresso pelo termo, uma natureza ou gênero que nós poderíamos isolar ao sucessivamente pressionar, a termos eternamente mais gerais a pergunta

“o que é?”; tampouco ele vê suas próprias observações sobre o objeto como tendo o efeito de estipular um sentido para um termo técnico que ele de forma idiossincrática quer introduzir no jargão filosófico. Ao invés disso ele toma suas observações para expressar sua própria tentativa de identificar o critério de aplicação para um termo anteriormente entendido.” (LOUX 1991: p.15)

Não encontramos na obra de Aristóteles nenhuma definição explícita da palavra *'ousia'*, o que sugere que é necessário olhar em obras de outros autores contemporâneos de Aristóteles para encontrar uma definição para o termo, e encontramos uma explicação nas obras de Platão, o principal interlocutor das obras de Aristóteles.

Em Platão o termo *'ousia'* como representando uma entidade ontologicamente privilegiada, isso é, a coisa que mais se aproxima de um ser completo de forma independente das demais. Aqui estão as razões pelas quais acredito imprópria a tradução “substância”, analisaremos agora brevemente uma tradução alternativa.

Outros autores recentes tentaram substituir a tradução “substância” pela tradução “realidade”, uma tradução mais adequada uma vez que resolve o problema da tradução anterior de conter um sentido pré-teórico, a *'ousia'* de fato cumpre a função de responder quais são as realidades mais genuínas. Entretanto é necessário acomodar os usos do termo como um termo abstrato, como no caso dos números pitagóricos, e “realidade” é muito próxima do termo “ser” para acomodar tal uso.

Tendo estabelecido as razões, neste trabalho tomei a decisão de deixar o termo sem uma tradução, de forma que nenhum dos seus usos seja obscurecido pela tradução escolhida.

2.4 Estrutura do *Tratado das Categorias*

O *Tratado das Categorias* é uma obra que chegou até a modernidade em único livro dividido em em 15 capítulos. No capítulo 1 é apresentados as noções de paronímia, sinonímia e homonímia, no capítulo 2 é distinguido o conceito de uma expressão simples de uma expressão composta, bem como apresentados os conceitos “ser dito de” e “estar presente em”, no capítulo 3 é apresentado a transitividade de predicados e a noção de diferença, no capítulo 4 é onde são apresentadas às 10 categorias estabelecidas na seção 1.3 defendidas por Aristóteles, no capítulo 5 são apresentadas as características da categoria *'ousia'*, no

capítulo 6 as características da categoria “quantidade”, no capítulo 7 as características da categoria “relação”, do capítulo 8 as características da categoria “qualidade”. O capítulo 9 ocorre uma quebra na estrutura que até então é desenvolvida no tratado, ao invés de listar todas as demais categorias não listadas (Lugar, Tempo, Posição, Estado, Ação e Afecção), o capítulo faz uma breve exposição da ação e afecção e é interrompido abruptamente.

Os capítulos 10 até o 15. ao invés de continuarem a exposição das demais categorias. cumprem uma função semelhante ao de um apêndice das obras aristotélicas, onde Aristóteles escreve nos capítulos 10 e 11 Aristóteles fala sobre as formas de oposição, no capítulo 12, sobre os quatro gêneros de oposição, no capítulo 13, sobre as coisas que se dão simultaneamente, no capítulo 14, sobre a mudança e no capítulo 15 fala sobre as formas de ter.

Os capítulos 10 até o 15, devido a falta de coesão com os argumentos dos capítulos anteriores, provavelmente se tratavam de escritos distintos que foram aglutinados ao *Tratado das Categorias* na composição do *corpus aristotelicum* por influência dos estóicos, que dividiam os estudos da filosofia em três partes, sendo elas: lógica, ética e física,

Os comentadores de Aristóteles historicamente dividiram o tratado em três seções que são: (a) os ante-predicamentos dos capítulos 1 até o 3 (1a1 – b24); (b) os predicamentos dos capítulos 4 até o 9 (1b25 – 11b7) (c) e os pós-predicamentos dos capítulos 10 até o 15 (11b17 – 15b32). Para o desenvolvimento do trabalho utilizaremos principalmente das seções (a) e (b), mas também o capítulo 12 situado na seção (c).

2.5 Homonímia, sinonímia e paronímia

Começaremos o estudo da obra ao analisar os critérios de distinção estabelecidos no *Tratado das Categorias*.

A primeira seção começa apresentando a homonímia, Duas coisas *a* e *b* são homônimas quando:

- i) uma mesma denominação *X* se aplica a *a* e *b*
- ii) a denominação *X* é aplicada com um sentido a *a* e com outro sentido a *b*.

Um exemplo de homonímia é quando nos referimos ao banco instituição financeira e ao banco de nos sentarmos. Apesar de usarmos a palavra “banco” para as duas coisas, elas possuem significados diferentes.

Após isso expõe a sinonímia, duas coisas são sinonímias quando:

- i) uma denominação “X” se aplica para “a” e “b”
- ii) a denominação “X” é aplicada com um mesmo sentido para a e b.

Um exemplo disso é quando se diz que a vaca é um animal e que um homem é um animal. “Animal” se diz de ambas as palavras e com um mesmo significado.

Por fim expõem ao final do primeiro capítulo o significado de paronímia. Existe paronímia entre duas coisas quando:

- i) Uma denominação “X” que se aplica para “a” é uma variação da terminação de “b”
- ii) A denominação “X” é de tal modo por fazer referência a “b”

Essas distinções são importante para o tratado para distinguir equívocos conceituais que podem ser ocultados pelo vocabulário, como no caso de uma homonímia, pode-se dizer que Sócrates é saudável assim como uma salada é saudável, mas a palavra “saudável” representa coisas diferentes, o ser saudável em Sócrates diz respeito a ele possuir saúde, enquanto no caso da salada ela é saudável por manter a saúde daqueles que a comem, trata-se de um critério para identificar as categorias.

A sinonímia por outro lado, pode ser vista como um critério de identificação para a *'ousia'*, uma vez que tanto homem, quanto cachorro são animais pela mesma razão ser.

A paronímia assume uma função distinta da homonímia e sinonímia, A paronímia, por outro lado, é o critério que garante a existência das propriedades da *'ousia'*, Sócrates é valoroso é uma afirmação verdadeira, mas Sócrates não é a definição de valor. A razão por trás dessa aparente dificuldade é que quando dizemos que Sócrates é valoroso, é porque a *'ousia'* Sócrates possui a propriedade valor. A paronímia assim é o que garante a existência das categorias “acidentais”, que só tem sua existência como propriedades da *'ousia'*. Uma evidência disso se encontra na seguinte passagem:

“É evidente, pelo que foi dito antes, que o nome e a definição das coisas que são ditas de um sujeito se predicam necessariamente do sujeito.

Por exemplo, homem é dito de um sujeito, a saber, de um certo homem, e é claro que o nome se predica (pois predicarás «homem» de um certo homem); e a definição de homem predicar-se-á de um certo homem (pois um certo homem é também um homem). De modo que tanto o nome como a definição predicar-se-ão do sujeito. Mas quanto às coisas que existem num sujeito, na maioria dos casos, nem o nome nem a definição se predica do sujeito. Em alguns casos, nada impede que o nome se predique do sujeito, mas, quanto à definição, isso é impossível. Por exemplo, o branco, existindo num sujeito, a saber, no corpo, predica-se do sujeito (pois um corpo é dito branco); mas a definição de branco jamais se predicará do corpo.” (2a20-34)

Nessa passagem podemos analisar mais um aspecto da *'ousia'*. Ela não predica as definições decorrentes de outras categorias, mas são apenas características presentes na *'ousia'*, uma das razões disso pode ser vista ao utilizar o conceito de paronímia estabelecido ainda nos ante-predicamentos para explicar essa situação.

A brancura de Sócrates pode ser dita como “Sócrates possui a cor branca”, mas Sócrates não é uma cor, apenas é possível haver tal transitividade as características “ditas de” Sócrates são. Isso acontece porque quando falam que Sócrates é branco, falam-no de forma parônima, na medida em que Sócrates faz referência a brancura ao possuir a cor branca em si, o que garante que as propriedades predicativas não percam o seu caráter universal por estarem instanciadas na *'ousia'* Aqui uma citação da mestrandia Bianca Tossato Andrade é bastante clara em sua exposição:

“A noção de paronímia tem um papel importante nas *Categorias*, pois através dela Aristóteles pode garantir instanciações de propriedades num indivíduo sem que estas propriedades percam a universalidade. Isto porque os parônimos são a coisa que possui uma determinada propriedade e essa propriedade mesma que se instancia na coisa.² O nome que a coisa recebe paronimamente de sua propriedade introduz um único item em uma categoria e o mesmo item que é introduzido pelo nome da propriedade (ver em 2.3 deste trabalho: predicação de inerência). Os nomes ‘generoso’ e ‘generosidade’, introduzem o item generosidade na categoria de Qualidade. Pois ‘generoso’ significa ‘ter generosidade’ assim como ‘gramático’ significa ‘conhecer e estudar gramática’. A função desta propriedade em uma coisa é reconhecida pela terminação do nome derivado.” (ANDRADE, 2009, p60)

2.6 “estar presente em” e “ser dito de”

Continuando a analisar os critérios estabelecidos no *Tratado das Categorias* resta ainda estabelecer a distinção entre “estar presente em” e “ser dito de”, que

possui uma importância grande na distinção entre as categorias, o uso que Aristóteles faz da distinção entre “estar presente em” e “ser dito de” pode ser visto na seguinte passagem.

“Das coisas que existem, umas são ditas de algum sujeito, mas não existem em nenhum sujeito. Por exemplo, homem é dito de um sujeito, a saber, de um certo homem, mas não existe em nenhum sujeito. Outras existem num sujeito, mas não são ditas de nenhum sujeito (com «num sujeito quero dizer aquilo que existe em alguma coisa, não como uma sua parte, e que não pode existir separadamente daquilo em que existe). Por exemplo, um certo conhecimento gramatical existe num sujeito, a saber, na alma, mas não é dito de nenhum sujeito; e um certo branco existe num sujeito, a saber, no corpo (pois toda a cor existe num corpo), mas não é dito de nenhum sujeito. Outras são ditas de um sujeito e existem num sujeito. Por exemplo, o conhecimento existe num sujeito, a saber, na alma, e é dito de um sujeito, a saber, da gramática. Outras ainda nem existem num sujeito nem são ditas de um sujeito. Por exemplo, um certo homem ou um certo cavalo; pois nenhum destes existe num sujeito nem é dito de um sujeito. Em geral, as coisas individuais e numericamente umas não são nunca ditas de um sujeito, mas nada impede que algumas existam num sujeito; pois um certo conhecimento gramatical é algo que existe num sujeito.” (1a9-b9)

Nessa passagem Aristóteles mostra que existe há quatro modos pelos quais as coisas se relacionam com as duas formas de predicação distinguidas:

- a) é dito de algo, mas não está em algo;
- b) está em algo, mas não é dito de algo;
- c) é dito de algo e está em algo;
- d) não é dito de algo e não está em algo.

Essa distinção é crucial para entendermos o papel da *'ousia'* na explicação Aristotélica. As coisas que estão presentes em algo” existem apenas de forma accidental, na medida em que estão presentes neste cavalo, ou neste homem, mas tendo sua existência da categoria *'ousia'*. Aqui podemos ver uma primeira vez no tratado, ainda nos ante-predicamentos (b), o papel ontologicamente privilegiado da *'ousia'*. Isso acontece porque a *'ousia'* é a categoria que garante a existência das demais, sem, contudo, ter sua existência dependente das demais. Assim quando Aristóteles que algo “está presente em”, ele está afirmando que este está presente em uma determinada *'ousia'*, mas não responde a pergunta “o que é” dessa determinado *'ousia'*, como a cor marrom pertence nesta *'ousia'*, neste cavalo, e a unidade pertence a *'ousia'* este cavalo na medida em que ela é uma, ou que a que posição existe nesta *'ousia'* cavalo na medida em que ele ocupa esse espaço. As coisas que “são ditas de” são características intrínsecas da coisa, àquilo que é dito

da *'ousia'* como a humanidade, é dito de todos os homens na medida em que são homens, e isso é, são homens, como a animalidade está presente tanto nos homens e nos cachorros e na humanidade na medida em que faz parte da essência dessas *'ousiai'*.

Assim, vemos que a *'ousia'* no *Tratado das Categorias* é a categoria que todas as outras categorias devem “estar presentes” ou serem “ditas de” para poderem existir, essa característica dá a *'ousia'* um papel ontológico privilegiado na medida em que ela tem a sua existência independente de qualquer outra das categorias, mas sim existe por ela mesma.

2.7 Prioridade ontológica dos particulares

Se a categoria das *'ousiai'* representa a categoria mais importante, resta definir qual das categorias tem um status ontológico mais privilegiado. Para determinar essa questão é necessário analisar a segunda seção das *Categorias*, mais especificamente o capítulo 5, que tem como a *'ousia'* especificamente como tema, a começar pelo primeiro parágrafo:

'ousia' — aquilo a que chamamos *'ousia'* de modo mais próprio, primeiro e principal — é aquilo que nem é dito de algum sujeito nem existe em algum sujeito, como, por exemplo, um certo homem ou um certo cavalo. Chamam-se *'ousiai'* segundas as espécies a que as coisas primeiramente chamadas *'ousiai'* pertencem e também os gêneros dessas espécies. Por exemplo, um certo homem pertence à espécie homem, e animal é o gênero da espécie; por conseguinte, homem e animal são chamados *'ousiai'* segundas.” (2a11-19)

Nessa passagem duas características importantes da *'ousia'* em Aristóteles são expostas. A primeira é a de que o título de primeira *'ousia'* pertence propriamente aos particulares, que não são ditos de nada nem estão presentes em nada, são as coisas indivisíveis das quais todas as outras categorias são extraídas, mas também é dos particulares que se extrai as categorias, invertendo a prioridade ontológica estabelecida por Platão para *'ousia'*.

2.8 *'ousia'* primeira e *'ousia'* segunda

As espécies e gêneros cumprirem adequadamente o papel de *'ousia'* na medida em que cumprem o seu único requisito de não serem “ditos de” nada. No entanto existe

um requisito adicional para algo poder exercer o papel de *'ousia'* primeira, que é o requisito de não ser "dito de" nada.

Pode-se questionar como é possível que as espécies e gêneros possam exercer, ainda que secundariamente, o papel de *'ousiai'*, uma vez que os critérios estabelecidos para algo ser *'ousia'* primeira é o de (a) não ser dito de nada e (b) não estar presente em nada. A satisfação conjunta desses critérios é necessária para que algo seja *'ousia'* primeira.

Os gêneros e espécies de fato cumprem o primeiro requisito satisfatoriamente, contudo falham em cumprir o segundo requisito na medida em que todas espécies e gêneros estão necessariamente presentes nos concretos particulares. Uma citação de Frede é bastante útil para entender esse ponto:

"No entanto, também é verdade das substâncias secundárias que elas subjazem todos os itens não-substanciais. Formulando o ponto de outra forma se A é uma não-*'ousia'* arbitrária, individual ou universal, não há apenas uma *'ousia'* primária, B, que é o sujeito de A, mas também uma *'ousia'* secundária, C, que também é o sujeito de A; a existência de A pressupõe a existência de uma *'ousia'* primária como B e uma *'ousia'* secundária como C. Nesse sentido, as *'ousiai'* secundárias, também, são *'ousiai'*." (FREDE, 1987, p26)

Desta forma, apesar das espécies e gêneros não cumprirem adequadamente o papel de *'ousia'* primeira, na medida em que não são ontologicamente independentes, ainda assim consegue desempenhar secundariamente, pois todas as demais categorias são extraídas tanto do gênero e da espécie quanto da *'ousia'* primeira.

Outra característica que faz com que as espécies ínfimas desempenhem, ainda que secundariamente o papel de *'ousiai'* é o fato de que são aquilo que mais propriamente explicam aquilo que são as *'ousiai'* primeiras, pois a cor branca ou a feiura não explicam aquilo que Sócrates é, pois são apenas características acidentais que Sócrates tem e que pode deixar de ter-las sem deixar de ser Sócrates. Por outro lado, Sócrates é humano assim como é animal e não poderia deixar ser sem que deixasse de ser Sócrates. O que é expressado na seguinte passagem das Categorias:

"E então com razão que, além das *'ousiai'* primeiras, as espécies e os gêneros são as únicas outras coisas que são chamadas *'ousiai'* segundas. Pois elas são as únicas, entre as coisas que se predicam, que revelam a *'ousia'* primeira. Pois se tivermos de dizer de um certo homem o

que ele é, será adequado responder indicando a espécie ou o gênero (e mais informativo fazê-lo com «homem» do que com «animal»); mas indicar qualquer das outras coisas será deslocado — por exemplo, dizer «branco» ou «corre» ou qualquer destas coisas. Deste modo, é com razão que estas são as únicas outras coisas que são chamadas *'ousiai'*. Além disso, é porque as *'ousiai'* primeiras são sujeitos de todas as outras coisas que elas são mais propriamente chamadas *'ousiai'*. Mas tal como as *'ousiai'* primeiras” (2b29-38)

Nessa passagem também é estabelecido que existe ainda uma precedência ontológica das espécies com relação aos gêneros, na medida em que falar que Sócrates é humano revela mais profundamente o que Sócrates é do que dizer que ele é humano. Assim, não só o concreto particular, mas também a espécie ínfima e gênero são *'ousia'*.

Quanto às *'ousiai'* primeiras, não existe qualquer forma de privilégio ontológico entre elas, tanto este cavalo quanto este homem, ou esta pedra, Possuem o mesmo estatuto ontológico, na medida em que ambos não estão presentes em nada nem são ditos de nada, mas estão entre os particulares dos quais todas as propriedades, sejam elas predicativas ou sejam elas presentes neles.

2.9 As Características da *'ousia'*

Apesar de já ter sido estabelecido na forma de negação algumas das características *'ousia'*, a pesquisa irá analisar de forma positiva essas e as demais características da *'ousia'*.

Cada capítulo da seção dos predicamento (b) pode ser dividida em duas partes: a parte (i) onde Aristóteles lista os diferentes itens que se enquadram na categoria que ele está analisando; e a parte (ii) onde ele lista as qualidades que um item deve possuir para pode figurar na categoria em questão. Focaremos nesse momento em analisar a parte (ii), que corresponde às passagens (3a7-4b19) do capítulo das *'ousiai'*. Iremos estabelecer aqui de forma afirmativa características necessárias para algo ser *'ousia'*.

Primeiramente uma *'ousia'* (i) não pode existir em um sujeito, como pode ser observado na seguinte passagem:

“É comum a todas as *'ousiai'* não existir num sujeito. Pois a *'ousia'* primeira nem é dita de um sujeito nem existe num sujeito. Da mesma maneira, também é evidente que as segundas *'ousiai'* não existem num sujeito. Pois homem é dito de um sujeito, a saber, de um certo homem, mas

não existe num sujeito (pois o homem não existe num certo homem).”
(3a7-12)

Essa passagem mostra que apenas nas predicções do tipo “ ser dito de” é possível que haja a transitividade dos predicados na *'ousia'*. Isso pode ser observado na seguinte passagem:

“É uma característica das *'ousiai'* e das diferenças que tudo o que é chamado a partir delas o seja sinonimicamente. Pois todos os predicados formados a partir delas predicam-se ou dos indivíduos ou das espécies: a partir da *'ousia'* primeira não se forma nenhum predicado” (3a33-37)

A transitividade de predicados ocorre quando a definição de uma característica predicada da *'ousia'* também pode ser dita da *'ousia'*, Como por exemplo no seguinte argumento:

- 1) Sócrates é humano;
- 2) O ser humano é um animal;
- 3) Logo, Sócrates é um animal.

Podemos ver que quando utilizados com características “ditas de” Sócrates, a transitividade é funcional, nos revelando características essenciais de Sócrates, sem as quais ele deixaria de ser Sócrates.

Por outro lado, tal transitividade não funcional com características “presentes em” Sócrates:

- 1) Sócrates é branco
- 2) Branco é uma cor
- 3) Logo, Sócrates é uma cor

Pode-se observar através desse exemplo que das características “presentes em” Sócrates, o mesmo não pode ser dito de suas definições, pois apesar de Sócrates ser branco, a definição de Branco não se extrai da definição de Sócrates, mas sim de “cor branca”.

Logo, enquanto aquilo que é “dito de” tem uma relação de inerência com *'ousia'* é dito de forma sinonímica ou de forma homonímica, aquilo que é “presente em” Sócrates só pode ser dito

Dessa forma, a segunda que a *'ousia'* deve ter é apenas possuir características predicativas na forma de homonímica ou paronímica, enquanto aquilo que é “presente em” só pode ser dita de forma sinonímica.

A terceira característica (iii) que uma *'ousia'* deve possuir é a de ser um certo isto, na medida em que ela é numericamente uma, como pode ser observado na seguinte passagem:

“Todas as *'ousiai'* parecem significar um certo isto. No que respeita às *'ousiai'* primeiras, é incontestavelmente verdade que elas significam um certo isto; pois a coisa revelada é individual e numericamente uma.” (3b10-14)

Aristóteles emprega o termo “certo isto” para descrever coisas definidas.

Apesar de à primeira vista não parecer que as *'ousiai'* segundas descumprem esse requisito, na medida em que homem e cavalo são coisas definidas é um erro enxergar dessa forma. A razão disso é a *'ousia'* segunda, como homem e cavalo se dizem de muitos objetos, o que impossibilita que a *'ousia'* segunda seja um “certo isto”.

A quarta característica (iv) que uma *'ousia'* deve possuir é a de não admitir contrários, como pode ser observado na seguinte passagem:

“Uma outra característica das *'ousiai'* é não terem qualquer contrário. Pois qual seria o contrário de uma *'ousia'* primeira? Um certo homem, por exemplo, não tem qualquer contrário; assim como homem ou animal também não têm qualquer contrário.” (3b24-27)

Essa característica, apesar de ser necessária que algo possa ser *'ousia'* não é uma característica exclusiva da categoria das *'ousiai'* como no caso das demais, mas existem em outras categorias como no caso da categoria das quantidade, logo não poderia ser exclusivamente levado como um parâmetro para distinguir a *'ousia'* de todas as outras categorias, entretanto ainda assim é uma categoria necessária para ser *'ousia'*.

A quinta e característica (v), é a de que a *'ousia'* não admite graus, na medida em que uma cavalo não pode ser mais cavalo que outro, nem um homem pode ser mais homem que outro, como pode ser observado na seguinte passagem:

À *'ousia'*, ao que parece, não admite mais e menos. Não quero dizer com isto que uma *'ousia'* não seja mais *'ousia'* do que outra (pois foi dito que assim é), mas que cada *'ousia'* não é dita mais ou menos aquilo que ela é. Por exemplo, se esta *'ousia'* é um homem, ele não será mais ou menos homem do que ele mesmo ou do que outro homem. (3b33-36)

A sexta característica (vi) da *'ousia'* é que ela é a única coisa que é capaz de receber contrários e continuar sendo numericamente uma, como pode ser observado na seguinte passagem:

“O que principalmente parece ser próprio da substância é que, sendo numericamente uma e a mesma, seja capaz de receber contrários. Não há nenhuma outra coisa que se possa apresentar e que, sendo numericamente uma, seja capaz de receber contrários.” 4a10-12

Assim temos todas as características da *'ousia'* estabelecidas no Tratado das Categorias, que listados são os seguintes:

- (i) não pode ser um “ser dito de” qualquer outra coisa;
- (ii) *'ousia'* deve ter é que apenas pode ter características predicativas na forma de sinonímia;
- (iii) deve ser um certo isto;
- (iv) admite contrários;
- (v) *'ousia'* não admite graus.
- (vi) ser capaz de receber o contrário e permanecer numericamente um.

Aqui está estabelecido todas as características de *'ousia'* como ela é exposta dentro do *Tratado das Categorias*.

2.10 As quatro formas de anterioridade

No capítulo 12 de Aristóteles, nos pós-predicamentos, Aristóteles estabelece quatro formas de anterioridade que uma coisa pode ter sobre outra, e elas são as seguintes: anterior a respeito do tempo, aquilo que não reciproca a implicação de existência, aquilo que anterior a respeito de alguma ordem, e aquilo que é anterior por natureza. Para poder determinar se a *'ousia'* é anterior de alguma forma as demais categorias, em qual forma de anterioridade a *'ousia'* se encaixa e se se encaixa em apenas uma, torna-se necessário analisar as quatro formas separadamente.

Seguiremos a ordem de Aristóteles e começaremos pela anterioridade do tempo, que é exposto da seguinte forma:

“Uma coisa é dita anterior a outra de quatro modos. Primeiro, e mais propriamente, a respeito do tempo. E a respeito do tempo que uma coisa é dita mais velha e mais antiga do que outra (pois é por o tempo ser mais longo que ela é dita mais velha e mais antiga).

A anterioridade no tempo se dá através das coisas que existem por mais tempo que outras, como um idoso é anterior a uma criança, ou uma árvore é anterior a uma semente. Não parece ser o caso que a *'ousia'* tenha esse tipo de anterioridade nas categorias, pois não existe qualquer menção a idéia de que *'ousia'* seria mais antiga que as demais categorias.

A segunda forma de anterioridade é a anterioridade onde uma coisa não recíproca a implicação da existência da outra, ele descreve esta forma da seguinte maneira

”Segundo, o que não recíproca quanto à implicação de existência. Por exemplo, um é anterior à dois. Pois, se existem dois, segue-se de imediato que existe um; e aquilo a partir do qual a implicação da existência do restante não recíproca a partir de um; e aquilo a partir do qual a implicação da existência não recíproca parece ser anterior.”

A anterioridade através da não reciprocidade da implicação de existência é a anterioridade das coisas que implicam a existência de outras, mas que o oposto não é verdade, como no caso dos dedos em um ser vivo, que implicam a existência de uma mão, mas a mão de um ser vivo não implica a existência de dedos, logo a mão é anterior aos dedos sob esse aspecto.

A *'ousia'* parece de fato ter essa espécie de anterioridade com relação às demais categorias, uma vez que as demais categorias necessitem de alguma *'ousia'* para existir, e não ser é da *'ousia'* precisar da qualidade x ou y para existir.

A terceira forma de anterioridade é a anterioridade por uma determinada ordem, que estabelecida da seguinte forma em Aristóteles:

Terceiro, uma coisa é dita anteriormente a respeito de alguma ordem, como no caso dos conhecimentos e dos discursos. Pois nos conhecimentos demonstrativos há, por ordem, um anterior e um posterior (pois os elementos são, por ordem, anteriores aos diagramas, e na gramática as letras são anteriores às sílabas), e de modo semelhante no caso dos discursos (pois a introdução é, por ordem, anterior à exposição).”

A anterioridade com respeito a certa ordem se trata de uma anterioridade com respeito a uma ordem de uma determinada lógica, como o cálculo é anterior ao resultado, ou a escrita é anterior a leitura.

Seguramente não há tal estrutura lógica entre as categorias, então não *'ousia'* não ter tal anterioridade com relação às demais categorias.

Por fim temos a anterioridade por natureza, tida por Aristóteles como a mais importante das formas anterioridade, temos apenas esse breve trecho nas

Categorias:

“Depois, além dos modos já mencionados, o que é melhor e mais estimado parece ser anterior por natureza.”

Aristóteles evidentemente dá maior importância para a forma de anterioridade por natureza. Contudo não encontramos nas Categorias nenhuma descrição sobre as características daquilo que é anterior por natureza, o que não quer dizer que não haja no *corpus aristotelicum* nenhuma explicação a respeito do tema.

Existe uma passagem no livro v da *Metafísica* que aborda a anterioridade por natureza:

“Certas coisas se denominam anteriores (ou posteriores) desse modo. Por outro lado, denominam-se anteriores por sua natureza e essência as que podem ser sem outras, embora estas outras não possam ser sem elas – distinção da qual Platão se utilizou” (1019a1-3)

A anterioridade por natureza é a anterioridade daquilo que é ontologicamente básico daquilo que é ontologicamente composto. A *'ousia'* possui claramente tal anterioridade com relação às demais categorias, sendo a única categoria que não depende de nenhuma outra para poder existir

Pode-se questionar o uso de um texto da *Metafísica* nessa pesquisa, pois essa pesquisa é feita em um *'frame'* temporal em que os livros da *Metafísica* não existiam ainda, isso pode tornar tal análise anacrônica. Contudo a anterioridade por natureza já está exposta no *Tratado das Categorias* e a definição apresentada na passagem da *Metafísica* v não entram em conflito com nenhuma passagem do *Tratado das Categorias*, então é bastante razoável supor que essa ideia não passou por nenhuma transformação entre uma obra e outra.

Assim, das anterioridades expostas, a *'ousia'* tem tanto a anterioridade temporal, quanto a por natureza.

Com isso a pesquisa encerra a análise direta dos temas do *Tratado das Categorias*, a partir de agora será feita uma análise dos livros *I e II da Física*.

3 Os tratados da *Física*

3.1. O desafio de Parmênides

No período de Aristóteles, a tese de que a mudança seria possível era frequentemente contestada, e o filósofo Parmênides, bem como seus seguidores, são conhecidos defensores da tese de que a mudança seria impossível.

Aristóteles dedica à seguinte citação a exposição do pensamento de Parmênides:

“Os primeiros na filosofia, buscando a verdade e a natureza dos entes, desencaminharam-se devido à inexperiência, como que empurrados para uma outra via: afirmaram que nenhum dos entes nem vem a ser nem se corrompe, porque é necessário que aquilo que vem a ser provendo do ente ou do não-ente, mas é impossível que algo provenha de qualquer um dos dois: o ente não vem a ser (pois já é, afirmam), e nada provém do não ente, pois é preciso que algo esteja subjacente. Pois bem: aumentando desse modo a decorrência que sai se segue, afirmaram que tampouco há uma pluralidade de coisas, mas apenas o próprio ente.” (191a33-191b9)

Parmênides defendia que nada poderia vir a ser, pois para algo vir a ser, é necessário que ele surja a partir do ser, ou a partir do não-ser, e em ambos os casos isso seria possível, o vir-a-ser a partir do ser não seria possível, pois o ser não há como tornar-se ser, pois já é ser; e o vir-a-ser partir do não-ser tampouco é possível, pois do não-ser não provém nada, logo a mudança é impossível.

Aristóteles enxerga nesta tese um obstáculo que pode impedir todas as ciências, uma vez que a mudança é essencial para todas as ciências. Aristóteles, em sua objeção, começa analisando qual foi a premissa errada que Parmênides e seus discípulos assumiram para terem chegado a tal conclusão

“Assim, assumiram essa opinião, devido ao que foi mencionado. Mas nós, de nossa parte, afirmamos que “a partir de ente vir a ser” ou “a partir de não-ente vir a ser”, ou “o não-ente, ou o ente, fazer ou padecer algo”, ou “qualquer coisa vir a ser isto”, de certo modo não é diferente de “o médico fazer (ou padecer) algo”, ou “a partir de médico ser (ou vir a ser) algo”. Por conseguinte, dado que isso se diz de duas maneiras, evidentemente também se diz de duas maneiras: “a partir de ente” e “o ente fazer ou padecer”. De fato, o médico constrói casa não enquanto médico, mas enquanto construtor de casa, e vem a ser branco não enquanto médico, mas enquanto negro; mas é enquanto médico que ele medica e vem a ser não-médico. Dado que afirmamos de maneira mais apropriada que “o médico faz (ou padece) algo”, ou “a partir de médico vem a ser algo”, nos casos em que é enquanto médico que ele faz, padece ou vem a ser tais coisas, é evidente que também “a partir de não-ente vir a ser” significa isto: “vir a ser a partir de não-ente enquanto não-ente” (191a33-191b9)

Esse argumento estabelecido por Aristóteles determina que o desafio de Parmênides pode ser resolvido aplicando a mesma lógica por trás do médico fazer ou padecer algo. Para elucidar a solução de Aristóteles um argumento elaborado pelo professor Lucas Angioni é bastante elucidativo⁴. O argumento separa as formas em seis esquemas sentenciais, em que estes:

I¹) A partir do ente vem a ser algo;

I²) A partir do não-ente vem a ser algo;

II¹) O ente faz algo;

II²) o não-ente faz algo;

III³) O ente sofre algo;

III³) O não-ente sofre algo.

Com esse exemplo, Aristóteles engloba todas as opções de ações para o não-ente e o ente, como exposto anteriormente, Parmênides e seus discípulos defendiam que tampouco era possível o não-ente vir a ser, pois o não-ser não poderia gerar o ser, quanto o ser não poderia vir a ser, uma vez que já é ser. Aristóteles defende que esses exemplos possuem a mesma estrutura e tipo de análise que as sentenças envolvendo “médico”, que pode ser ordenado da mesma forma:

I³) A partir do médico vem a ser algo;

II³) O médico faz algo;

III³) O médico sofre algo.

Aristóteles utiliza o exemplo “o médico que constrói casas” para determinar uma sentença que sua verdade não esteja contida nela mesma, isso seria justamente o caso caso a sentença usada por Aristóteles fosse “o médico que cura pessoas” pois “curar as pessoas” está na definição de ser médico.

No exemplo “médico que constrói casas”, cuja estrutura é equivalente ao modelo II, é verdadeiro por concomitância, a razão disso é que “construir casas” não faz parte daquilo que o médico é, ele é capaz de ser médico e construtor por ser homem, então, ele constrói casas como construtor, e a partir de construtor ele vem a ser não-construtor.

O diagnóstico do erro de Parmênides feito por Aristóteles foi não ter reconhecido a distinção entre as diferentes formas semânticas que existem no não-ente e do ente, tendo acertado que o não-ente, enquanto não ente, não poderia

⁴ ANGIONI 2009: p.169

tornar-se ente, falhou em reconhecer que o não-ente, de forma concomitante, é possível

“Foi precisamente por não terem distinguido isso que eles se desviaram, e, devido a esse desconhecimento, enganaram-se a respeito de algo de tal monta, de modo a julgar que nada vem a ser e que nenhuma outra coisa é, e suprimiram todo o vir a ser. De nossa parte, nós também afirmamos que nada provém do não-ente, sem mais; no entanto, mesmo assim afirmamos que provém do não-ente, a saber, por concomitância (de fato, da privação, que é por si mesma não-ente, e que não está inerente, provém algo; e isso causa espanto, e reputa-se impossível algo vir a ser assim, a partir do não-ente). De modo semelhante, tampouco o ente vem a ser ente, ou a partir de ente vem a ser ente, a não ser por concomitância. É dessa maneira que também isso vem a ser: do mesmo modo como se animal proviesse de animal, isto é, se algum animal proviesse de algum animal, por exemplo, se um cão viesse a ser a partir de cavalo. Nesse caso, o cão proviria não apenas de um animal, mas também de animal, embora não enquanto animal, pois isso já estaria dado. No entanto, se algo viesse a ser animal não por concomitância, não poderia provir de animal e, se algo viesse a ser ente não por concomitância, não poderia do ente, nem do não-ente, pois foi dito por nós o que significa “provir do não ente, a saber, “provir do não-ente enquanto não-ente”

Aristóteles determina a solução para o desafio de Parmênides através do conceito de “concomitância”, pois o não-ente, enquanto não ente, é incapaz de tornar-se ente, mas enquanto concomitante, é perfeitamente possível. O não-construtor, enquanto não-construtor, é impossível tornar-se construtor. Agora o Não-construtor, Enquanto concomitante para “homem não-construtor, é capaz de tornar-se construtor

3.2 Natureza: um princípio interno de movimento

Determinado a solução para o Desafio de Parmênides, Aristóteles prossegue, no livro *Física* II, estabelecendo uma distinção entre as coisas que existem por natureza e as coisas que existem por outras causas. O ser natural se diferencia das outras coisas na medida em possui um princípio de princípio de movimento e repouso, algo facilmente observável, quando um filhote cresce e se desenvolve em um adulto; quando da semente nasce a planta sem que haja qualquer ação externa a ele que o tire do repouso. Isso é justamente o que diferencia os entes naturais dos artefatos que para para deixar de ser matéria sua mudança de matéria prima para ferramenta teve que ser transformada pelo artesão, um ente externo à ferramenta. Isso fica exposto na seguinte citação:

“Entre os entes, uns são por natureza, outros são por outras causas; por natureza são os animais e suas partes, bem como as plantas e

os corpos simples, isto é, terra, fogo, ar e água (de fato dizemos que essas e tais coisas são por natureza), e todos eles se manifestam diferentes em comparação com os que não se constituem por natureza, pois cada um deles tem em si mesmo princípio de movimento e repouso - uns, de movimento local, outros, de crescimento e definhamento, outros de alteração; por outro lado, cama e veste, bem como qualquer outro gênero desse tipo, na medida em que encontram suas respectivas designações, isto é, enquanto resultam da técnica, não tem nenhum impulso inato para a mudança” (192b8-31)

Apesar de ter tratado com seriedade o desafio de Parmênides, Aristóteles acreditava que não havia necessidade de provar a existência de tal princípio auto-evidente, como ele fala nessa passagem.

“Está dito, portanto, o que é a natureza e o que é “por natureza” e conforme à natureza”; por outro lado, seria ridículo tentar provar que a natureza existe, pois é manifesto que muitos entes são desse tipo. Tentar provar as coisas manifestas através das não-manifestas é próprio de alguém incapaz de discernir entre aquilo que é cognoscível por si mesmo e aquilo que não é (evidentemente, é possível sofrer isso; alguém, sendo cego de nascença, poderia raciocinar sobre cores); necessariamente, tais adversários nada pensam, e o argumento deles concerne às palavras.” (193a1-8)

Quando Aristóteles estabelece a distinção entre o ser que existe por natureza e o ser que existe por outras causas, ele tem em mente dois casos paradigmáticos, que são os seres vivos e os artefatos. O artefato tem o artesão como causa de sua transformação. O ser natural, por outro lado, é causa de sua própria mudança, permanecendo um durante todas essas mudanças.

Aristóteles não utiliza do sentido contemporâneo da palavra natureza, que delimita o conjunto total de fauna e flora, ao invés disso utiliza de um sentido mais arcaico do termo, com múltiplos significados, a respeito disso escreve Angioni:

“Ao leitor contemporâneo talvez seja estranho o uso que Aristóteles faz do termo “natureza” (“physis”). É preciso delimitar sob qual sentido, precisamente tal termo designa o objeto de interesse do livro II da física. Em *Metafísica V 4*, Aristóteles distingue vários sentidos de “physis” (i) “physis” como processo, pelo qual algo nasce (1013b 16-8; cf. 193b 20-3); (ii) “physis” como princípio “de onde se dá o movimento primeiro em cada ente natural em si mesmo, enquanto ele é ele mesmo” (1014b 18-20; cf. 192b 20-3); (iii) “physis” no sentido de coisa ou *'ousia'* a que atribuímos propriedades (1013a 11-3; cf. 193a 32-3) e, de modo geral, realidade subjacente ao discurso (cf. *Metafísica* 1003a27; 1053b13; As partes dos animais 639a10). (ANGIONI 2009: p.195)

Os gregos então consideravam natureza em três sentidos, que são:

I- Processo pelo qual algo nasce

II- Princípio de onde se dá o movimento primeiro dos seres naturais, enquanto seres naturais

III- coisa ou *'ousia'* a que atribuímos propriedade e realidades subjacentes aos discursos

Aristóteles utiliza o sentido II como seu objeto de estudo na maior parte dos tratados de física, a natureza como princípio "de onde se dá o movimento primeiro em cada ente natural em si mesmo, enquanto ele é ele mesmo".

3.3 Potência e ato: a justificação da mudança

Tendo apresentado uma solução para o problema de Parmênides e justificado a mudança, algumas consequências são necessárias.

Para a mudança ser possível é necessário que haja um substrato no ente que exista no estado inicial (t1) e no final da mudança (t2), bem como esse substrato deve ter a potencialidade de se tornar, ou atualizar, no ente já transformado (t2). A "potência" não deve ser lida como "possibilidade", a respeito de Jonathan Lear escreve

"A potencialidade é real: ela existe no mundo. Por exemplo, a forma da semente é um poder real na semente do desenvolvimento da *'ousia'* natural. como nós vimos, o poder não é um estado material da semente: a forma é aquilo que é e não outra coisa" (LEAR 1968: p60)

A potência de um ente se caracteriza pela potencialidade que o ente tem de realizar certos tipos de mudanças em detrimento de outra que um ente é incapaz de sofrer, pense na seguinte sentença:

1- Certo homem se tornou médico.

Houve uma mudança dentro do ente homem, isso é, deixou de ser não-médico e passou a ser médico, contudo, está dentro das potencialidades possíveis para o homem, o mesmo não poderia ser dito da seguinte sentença:

2- Certo homem aprendeu a respirar embaixo d'água

Enquanto a potência se caracteriza pela mudanças possíveis que um ente é capaz de sofrer, o "ato" se caracteriza pelas características que um ente tem atualizadas em um certo momento, como na seguinte sentença:

3- Certo homem tem cabelos pretos, barba e 1,80m de altura.

Ter cabelos pretos, barba e 1,80m são todas características que este certo

homem tem no momento em que a sentença foi dita (t1), contudo, ao branquear os cabelos com a idade, tirar a barba, e diminuir alguns centímetros com o passar tempo, essas serão suas novas atualidades.

Um ente apenas pode atualizar aquilo que existe nele enquanto potência. Não está dentro das potencialidades do ente homem respirar biologicamente debaixo d'água, então não é uma atualização possível.

O conceito de Potência e ato são temas centrais em Aristóteles para explicar mudança, no livro III da *Física* ele define a mudança da seguinte maneira: “O movimento é o [ato] do ente em potência, quando em ato for atividade (energê), mas não enquanto ele mesmo, senão enquanto móvel.” (201a10-11)

Essa passagem pode desorientar o leitor, pois em uma primeira leitura é levado a entender o ato como potência e vice-versa, o que Aristóteles faz nessa passagem é isolar o processo em que a potência se torna em atualidade. A mudança seria a atualização das potencialidades dele, então o movimento seria o “ato do ente em potência” pois é aquilo que o ente não é, mas pode vir a ser.

3.4 O número de princípios da natureza de Aristóteles

Aristóteles então, passa a estudar o que é a natureza (physis) dos entes naturais, Aristóteles passa a examinar quais coisas são por natureza. Ao abordar esse problema, de natureza.

Existindo a mudança, é necessário estudar o número de princípios que existem na natureza, Aristóteles analisa diferentes hipóteses para o número desse(s) princípio(s), e vai ao longo do capítulo 6 do livro I da *Física* descartando as hipóteses contrárias até apresentar a sua tese e justificá-la

“Não é possível que o princípio seja um só, visto que os contrários não são um só. Tampouco é possível que os princípios sejam ilimitados, visto que, neste caso o ente não seria cognoscível, bem como porque há apenas uma só contrariedade em qualquer gênero único - e a 'ousia' é um gênero único - e porque é possível explicar os entes por princípios ilimitados, e é melhor explicá-los por princípios limitados do que por ilimitados - como Empédocles: de fato, ele julga ter explicado [sc. por princípios limitados.] tudo quanto Anaxágoras explicou por ilimitados. Além disso, uns contrários são anteriores a outros, assim como uns provém, como doce e amargo. branco e negro; no entanto, é preciso que os princípios permaneçam sempre.” (189a11-19)

Nessa passagem, Aristóteles dá preferência para uma explicação finita, há uma explicação infinita, essa tese existe pois um número de princípios ilimitados. Assim a

primeira tese descartada por Aristóteles é a de que os princípios naturais poderiam ser ilimitados, essa tese é descartada uma vez que caso ela fosse verdade, seria impossível conhecer os princípios do ente, e caso não fosse possível conhecer os princípios do ente natural, a natureza seria ininteligível.

Aristóteles descarta a tese de que a 'ousia' concreto particular seja um ente indivisível nesta passagem: "por outro lado, para os que investigam torna-se evidente que mesmo as '*ousiai*', bem como tudo que é simples, provém de algo subjacente." (191b1-3), ele descarta a tese de que o ente natural possa ser uma única coisa, visto que as características contrárias não poderiam ser feitas da mesma coisa, também é necessário que haja uma parte do ente que se transforme e outra que permaneça estável, o que são pelo menos dois princípios, essa característica da mudança é o que torna possível a manutenção da essência do ente nas duas etapas da mudança. A manutenção da essência do ente é o que torna o ser possível, sem ela, o ente seria instável e o ser não seria possível, restaria apenas o vir-a-ser. por essas razões é necessário que seja mais de um o número de princípios.

A segunda tese descartada por Aristóteles é que o ente natural poderia ser ilimitado, essa tese é descartada uma vez que caso ela fosse verdade, seria impossível conhecer os princípios do ente, e caso não fosse possível conhecer os princípios do ente natural, a natureza seria ininteligível.

Com essas duas teses descartadas, sobram algum número natural, tal que ele seja maior que um, e menor que infinito

Aristóteles descarta em seguida a tese de que o número de princípios seria dois:

" Disso, é evidente que os princípios não são nem um só nem ilimitados. Uma vez que são limitados, há alguma razão em não fazê-los apenas dois, pois não se saberia dizer como a densidade naturalmente faria algo da rareza ou como esta faria algo da densidade. Semelhantemente também qualquer outra contrariedade. De fato, a amizade não agrega o ódio nem faz algo dele, tampouco o ódio faz algo dela, mas ambos agem sobre um terceiro item distinto. Alguns assumem um número até maior de elementos, pelos quais constituem a natureza dos entes." (189a21-26)

O argumento de Aristóteles para a existência de mais de dois princípios se baseia na existência das características contrárias entre si, pois os contrários não agem um sobre o outro, mas sim sobre um terceiro objeto. O argumento pode ser elaborado da seguinte forma:

1) - os contrários são dois princípios

- 2) - os contrários não agem um sobre o outro, mas sim sobre um terceiro princípio
 3) - logo, existem mais que dois princípios.

Em seguida Aristóteles apresenta a tese de que os princípios devem são três, assim como a tese de que o número de princípios não deve ser maior que três:

“Portanto, é plausível, para os que investigam por essas e outras considerações desse tipo, julgar que há razão para afirmar que os elementos são três (como dissemos), mas não mais que três, pois um só é suficiente para sofrer e, se houvesse duas contrariedade - havendo quatro princípios -, seria preciso que, para cada uma delas, fosse respectivamente dada outra natureza intermediário; por outro lado, se sendo duas, uma contrariedade fosse capaz de se gerar da outra, uma das duas seria supérflua. Ao mesmo tempo, é impossível que as contrariedade primeiras sejam mais de uma, pois a *'ousia'* é um gênero do ente, de modo que os princípios podem ser diferentes entre si apenas pelo anterior e posterior, mas não em gênero, pois num gênero único, há sempre apenas uma única contrariedade, e todas as contrariedades parecem reconduzir-se a uma só.” (189b16-26)

Aristóteles faz referência direta às categorias estabelecida no *Tratado das Categorias*, afirma nessa passagem que devem haver três princípios na natureza porque existe apenas um contrário na *'ousia'*, e havendo mais contrários será preciso que haja um segundo intermediário em que os contrários possam agir.

Aristóteles também apresenta nessa passagem que a única forma de anterioridade que pode existir entre os princípios é anterioridade e posterioridade, a razão disso é que os princípios da mudança são princípios da natureza, logo nenhum deles é anterior por natureza ao outro.

3.5 As diferentes maneiras de vir a ser

Aristóteles então passa a analisar as diferentes formas de vir a ser, assumindo que ela representa corretamente a realidade. Aristóteles divide a linguagem em itens simples de itens compostos, itens simples seriam coisas isoladas como “homem” e “médico”, e os itens compostos seriam a junção de itens simples. como “homem médico”:

Distinguidos esses pontos, é possível aprender, para absolutamente todas as coisas que vem a ser, o seguinte (se alguém as encarar tal como afirmamos): é preciso, sempre, que algo esteja subjacente àquilo que vem a ser. e que aquilo, mesmo se for um em número, não seja um pela forma (por “pela forma” quero dizer o mesmo que “pela definição”): de fato, não são idênticos o ser para homem e o ser para não-musical. Um deles subsiste, mas o outro não subsiste o que não é oposte subsiste (de fato, o homem subsiste), mas o não-musical ou amusical não subsiste, nem subsiste, nem subsiste o conjunto de ambos, isto é, o homem amusical.” (190a13-20)

Aristóteles argumenta que o ente se diz de muitas maneiras diferentes, o ente para “médico” não é da mesma forma que o ser para “homem”, isso ocorre pois no vir a ser, existe um elemento subjacente que permanece na mudança, e outro que não.

Aristóteles então analisa as diferentes maneiras que dizem a respeito do ente que subsiste e daquele que não subsiste:

“Diz-se “a partir de algo vir a ser algo” (não “isto vir a ser algo”) sobretudo a respeito daquilo que não subsiste, por exemplo: afirma-se que “a partir de amusical vem a ser musical”, mas não “a partir de homem, No entanto, mesmo a respeito daquilo que subsiste se afirma às vezes de modo semelhante: de fato, dizemos às vezes que “a partir do bronze vem a ser estátua”, não que “o bronze vem a ser estatua”, Mas, seguramente, do oposto que não subsiste, afirma-se de ambos os modos: tanto “a partir disto vem a ser isto como “isto vem a ser isto”. De fato, diz-se “a partir do amusical vem a ser musical”, e “o amusical vem a ser musical. Por isso, é do mesmo modo com o composto: diz-se tanto “a partir de homem amusical” como também “o homem amusical vem a ser musical” (190a21-30)

Então Aristóteles, distingue as diferentes formas do vir a ser utilizando como critério a subsistência ou não. Apenas a *'ousia'* “vem a ser” sem mais, as demais categorias “vem a ser algo”,

Contudo, Aristóteles argumenta que até mesmo a *'ousia'*, tal como ela foi estabelecida no Tratados das Categorias, possui um substrato intermediário dentro dela. Ele estabelece isso na seguinte passagem

“por outro lado, para os que investigam torna-se evidente que mesmo as *'ousiai'*, bem como tudo que é simples, provém de algo subjacente. De fato, sempre há algo que subjaz, de que provém aquilo que surge, tal como animais e plantas provém da semente, As coisas que vêm a ser sem mais vêm a ser umas por refiguração, como a estátua; outras por adição, como as que crescem; outras, por subtração, como o Hermes provém da pedra, outras por composição, como uma casa; outras, por alteração, como as que se pervertem pela matéria. É manifesto que todas as coisas que vêm a ser dessa maneira provém de algo subjacente. Por conseguinte, pelo que foi dito, é evidente que tudo que vem a ser, sem exceção, é sempre composto, e que há, de um lado, algo que surge e, de outro, algo que vem a ser isso, de dois modos: o subjacente, ou o oposto. Quero dizer que o amusical é oposto, mas o homem está subjacente, assim como chamo “oposto” a desorganização, a ausência de forma e a desordem, e de subjacente chamo o bronze, a pedra e o outro” (190b1-16)

No desenvolvimento dos seres vivos de filhote para adulto, ocorre na *'ousia'* um processo de mudança enorme, de um bebê que não podia se sustentar em pé de pouco mais de alguns centímetros se desenvolve num adulto próximo aos dois

metros, com mais de 10 vezes o seu peso, e nessa transformação existem elementos dentro da *'ousia'* que se mantêm, sua essência, e elementos que deixam de ser na mudança, como a altura, o peso, não-médico e o amusical.

Para que essa mudança aconteça é necessário que haja mais de um princípio dentro da *'ousia'* também.

Aristóteles argumenta que apesar dos princípios serem três, que são os opostos e o substrato, pode-se dizer que de certa maneira são dois:

“Está dito, portanto, quantos são os princípios dos entes naturais envolvidos no vir a ser, e de que modo são tantos. É evidente que é preciso que algo esteja subjacente ao contrário e que os contrários sejam dois. Mas, de outro modo, não é necessário que os contrário sejam dois, pois um dos contrários poderá ser suficiente para efetuar a mudança, por sua presença e ausência” (191a3-6)

Pois só um dos opostos é suficiente para explicar um ente, seja pela sua participação ou ausência. É necessário analisar de que forma essa explicação funciona com as outras formas de mudança, pois Aristóteles descreve tipos diferentes de mudanças além da adição e privação, existe a mudança por refiguração, mudança por composição e a mudança por alteração.

3.6 Matéria e forma: Os princípios dos entes naturais

Aristóteles então passa a analisar a natureza subjacente, ou substrato que permanece nas mudanças e de que maneira é possível analisá-la.

Como estamos falando de princípios do ente natural, eles não podem ser analisados diretamente, mas deve ser analisado de maneira indireta através de uma analogia:

“A natureza subjacente pode ser reconhecida por analogia. Pois, assim como o bronze se tem para a estátua, ou como a madeira se tem para a cama, ou como a matéria e o informe, antes de assumir a forma, se tem para algo que possui forma, do mesmo modo essa natureza se tem para a *'ousia'* de um certo isto e para algo que é.” (191a7-11)

O que Aristóteles quer dizer com “reconhecer por analogia”, é que podemos utilizar os exemplos do bronze e da cama para utilizar de modelo para analisar o ente natural, assim como o bronze é a matéria prima da estátua e a madeira é a matéria prima da cama, o ente natural também tem tal matéria prima, como esta carne e estes ossos no caso do ser humano.

“Chegaram até este ponto, a saber: que é preciso que alguma natureza esteja subjacente, De fato, fazem-na uma única, pois mesmo se alguém aduz a díade, denominando-a como “o grande e o pequeno”, não menos faz a mesma coisa, pois despreza uma dessas duas naturezas: a natureza que subsiste é causa auxiliar, junto à forma, daquilo que vem a ser (como mãe) e, por outro lado, com respeito à parte da contrariedade, muitas vezes é plausível que, para quem concentra o pensamento no seu fato maleficiente, nem sequer se afirme que ela exista. De fato, havendo algo divino, bom e desejável, afirmamos que um dos princípios lhe é contrário e que o outro é aquilo que, em sua própria natureza, o deseja e a ele aspira. No entanto, sucede-lhes afirmar que o contrário deseja sua própria corrupção. Mas não é possível nem que a forma deseje a si mesma - por não ser carente -, nem que o contrário a deseje (pois os contrários corrompem uns aos outros, mas o que deseja a forma é a matéria, como a fêmea a desejar o macho ou o feio a desejar o belo (não o feio em si mesmo, mas como concomitante, nem a fêmea em si mesma, mas como concomitante.” (192a9-24)

Nessa passagem Aristóteles faz uma explicação da relação do substrato com a forma. A forma é aquilo que ordena a matéria, é na forma que é definida as características e capacidades de um sujeito, também é a forma que determina as características necessárias da matéria. A matéria por outro lado

Ambas a matéria e a forma podem ser consideradas natureza pelas seguintes razões:

Assim, de certa maneira, denomina-se natureza a primeira matéria que subjaz a cada um dos que possuem em si mesmos princípios de movimento ou mudança; mas de outra maneira, denomina-se natureza a configuração e a forma segunda a definição. De fato, assim como se denomina “técnica” aquilo que é conforme a técnica e que é artificial, do mesmo modo também se denomina “natureza” aquilo que é natural e conforme à natureza. Naquele caso, quando algo é cama apenas em potência, mas ainda não tem a forma da cama, ainda não dizemos que se tem conforma à técnica, nem que há técnica, tampouco no caso dos que se constituem por natureza: a carne ou o osso em potência não tem ainda sua natureza própria, nem são por natureza, antes de assumir a forma, a que é conforme o enunciado pelo qual dizemos, ao defini-los, o que é carne ou o osso. (193a28-193b2)

A matéria pode ser dita natureza por ser o substrato em que todas as características tornam-se e deixam de ser, uma entidade sem características que existe em todas as etapas da mudança.

A forma, por outro lado, se diz “natureza” pela definição, porque é a forma que configura a matéria. Assim como a forma de uma porta necessita uma matéria rígida para cumprir sua função, é a matéria sem forma, como a madeira de uma porta, ou estes ossos e estas carnes não definem o homem, mas estes ossos e estas carnes com esta forma sim.

3.7 A essência do ente natural

Tendo estabelecido os dois princípios da natureza, resta ainda analisar dentre eles qual é a essência da *'ousia'*.

A primeira tese que Aristóteles analisa é a tese de que a essência do ente é a matéria, tal como estabelecido pelos filósofos materialistas de seu tempo, como Antífona:

“Alguns reputam que a natureza e a essência dos entes naturais seria aquilo que, desarranjado em si mesmo, está primeiramente inerente em cada um, por exemplo, de uma cama, seria natureza a madeira e de uma estátua, o bronze (como sinal disso Antífona afirma que, se alguém enterrou uma cama e se a podridão adquirisse poder de brotar, não surgiria cama, mas madeiras, como se estivesse presentes por concomitância a técnica e a disposição conforme à regra, e, por outro lado, a essência fosse aquela que de fato permanece continuamente ao suportar tais modificações). Se, por sua vez, cada um desses elementos também se encontra nessa mesma situação em relação a algo diverso - por exemplo: o bronze e o ouro em relação à água, os ossos e a lenha em relação à terra, semelhantemente qualquer outra coisa -, julgam que este último é a natureza e a essência daqueles. Por isso, alguns afirmam que a natureza dos entes é fogo, outros, que é terra, outros que é ar, outros, que é a água, outros, alguns desses elementos e outros, enfim, todos eles. Aquilo que cada um deles julga ser de tal tipo (seja um só, seja mais de um), eis o que afirma ser (em tal quantidade) a essência inteira, ao passo que todas as demais coisas seriam modificações, propriedade ou disposições daquilo, e afirmam que cada um desses elementos seria eterno (pois afirmam não haver para eles possibilidade de mudança por eles mesmos, ao passo que as demais coisas viriam a ser e se corromperiam ilimitadas vezes” (190b1-16)

O argumento utilizado pelos materialistas para justificar que a matéria é a essência do ente é que assim como a natureza de um artefato é a sua matéria prima, como a natureza da mesa é a madeira, ou da estátua, o bronze, o mesmo pode ser dito dos entes naturais.

Aristóteles não discorda que a matéria seja natureza do ente, mas sua tese do hilemorfismo, que defende que o ente é composto de matéria e forma, reconhece a forma como uma segunda natureza do ente:

“Assim, de certa maneira, denomina-se natureza a primeira matéria que subjaz a cada um dos que possuem em si mesmos princípio de movimento ou mudança; mas, de outra maneira, denomina-se natureza a configuração e a forma segunda a definição. De fato, assim como se denomina “técnica” aquilo que é conforme à técnica e que é artificial, do mesmo modo também se denomina “natureza aquilo que é natural e conforme à natureza. Naquele caso, quando algo é cama apenas em potência, mas ainda não tem a forma da cama, ainda não dizemos que se tem conforme à técnica, nem que há técnica, tampouco no caso dos que se constituem por natureza: a carne ou o osso em potência não tem ainda sua natureza própria, nem são por natureza, antes de assumir a forma, a que é

conforme o enunciado pelo qual dizemos ao defini-los, o que é a carne ou o osso” (193a28-b3)

Assim como a matéria prima é dita natureza por se aquilo do qual o ser é constituído, mas também a forma é dita por ser a definição do ente natural.

A matéria e a forma são indivisíveis uma da outra na realidade, mas são divisíveis por definição:

“Por conseguinte, de outra maneira, a natureza dos que possuem em si mesmos princípio de movimento é a configuração e a forma, que não é separável a não ser em definição (o composto de ambos por sua vez, não é natureza, mas sim por natura - por exemplo, homem).” (193b3-5)

Aqui Aristóteles estabelece uma diferença entre “ser natureza” e “ser por natureza”, a *'ousia'* estabelecida no *Tratado das Categorias* não é natureza, pois não é um princípio, mas sim um composto de matéria e forma, as naturezas do ente natural:

Além disso, a natureza tomada como vir a ser é processo em direção à natureza. Ela não é como a cura, que se concebe como processo em direção à arte curativa, mas em direção à saúde. De fato, é necessário que a cura proceda da arte curativa, mas não em direção à arte curativa, mas não é desse modo que a natureza se comporta para com a natureza; pelo contrário, aquilo que nasce enquanto nasce, vai de algo em direção a algo. Mas o que é que nasce? Não aquilo a partir de quê, mas aquilo em direção a quê: portanto, a forma é natureza (192b12-17)

A natureza do deve buscar a si mesma, assim como a natureza do homem é gerar outros homens. O bebê humano nasce em estado atipicamente prematura, mas todas as espécies nascem em processo de formação em direção a seu estado pleno.

Estando determinado que a matéria e a forma são princípios da natureza, resta ainda identificar qual deles é a essência do ente. Ele afirma na passagem (193b6-7) “E esta - a forma - é natureza mais do que a matéria, pois cada coisa encontra sua denominação quando é efetivamente, mais do que quando é em potência”

Aristóteles dá preferência à forma com relação a matéria, uma das razões que ele dá para essa tese é que a reprodução dos entes naturais se dá através da forma e não da matéria:

“Além disso, um homem provém de um homem, mas uma cama não provém de uma cama: por isso, dizem que sua natureza não é a figura, mas a madeira, porque, se algo brotasse, surgiria não uma cama, mas

madeira. Mas então, se isso é técnica, também a forma é natureza, pois é de homem que provém um homem” (193b8-11)

A geração do homem não pode ser reduzida à sua matéria prima, pois diferente de um artefato, como uma cama, que provém da técnica de um ente externo se diferencia da madeira da árvore, o ente natural possui um princípio de reprodução .

A espécie homem, bem como todo ente natural, tem um princípio de reprodução interno. E dentro da reprodução não é a matéria que passa adiante, como estes ossos e estas carnes, mas sim a forma “ser humano” que é passada adiante.

Assim, apesar de tanto a matéria e a forma serem naturezas, e de ambas serem indistinguíveis na realidade, é a forma que é a essência do ser natural, pois

Aqui é encerrada a análise dos tratados de *Física* de Aristóteles, a partir de agora será analisado conflito entre o conceito de matéria e forma estabelecidos nos livros da *Física* e o candidato da '*ousia*' estabelecido no *Tratado das Categorias*.

Essas dificuldades entre as naturezas do ente e a '*ousia*' estabelecida nas *Categorias* que irá causar a revisão do candidato a '*ousia*' “concreto particular” para a '*ousia*' “forma do concreto particular” estabelecida nos livros médios na metafísica, uma obra mais tardia de Aristóteles.

4.0 Dificuldades enfrentadas pelo candidato à '*ousia*' estabelecida no *Tratado das Categorias* com o conceito de matéria e forma

4.1 Perda da prioridade

Na filosofia de Aristóteles, a '*ousia*' cumpre um papel necessário para toda existência, é aquilo do qual todas as propriedades estão “presentes em”, onde existem os contrários, as quantidades, qualidades e todas as demais categorias, sem o qual as demais categorias não podem existir.

A '*ousia*' é o gênero supremo, mas a preferência ontológica pelos particulares sobre os universais dita que as entidades mais básicas tenham prioridade sobre as compostas. Assim como a *summa gennera* '*ousia*' é necessária para todas as outras categorias existirem, o concreto particular é composto de matéria e forma e ambas são necessárias para que ele exista.

Em Aristóteles temos uma preferência ontológica pelos particulares, logo a primeira *'ousia'* no *Tratado das Categorias* são elas, entes dotados de propriedades de todas as categorias.

Contudo, Aristóteles encontra dificuldades em seu projeto metafísico das *Categorias* em explicar outros aspectos da *'ousia'*, como quais coisas é possível aplicar o conceito de transitividade que existe nela.

Sendo a *'ousia'* um concreto particular x, poderemos analisar que ao decorrer do tempo a espécie x perde propriedades, como cor y, adquire outra, como cor z. Tendo a *'ousia'* perdido uma propriedade e adquirido outra, há de se dar uma explicação de por que a concreto particular x não passou a ser concreto particular z.

Assim, para garantir a unidade da *'ousia'*, Aristóteles introduz em física I os conceitos de matéria e forma. Todo concreto particular tem uma estrutura interna de matéria e forma, sendo responsável por ordenar a matéria de maneira a produzir o composto individual.

A composição da *'ousia'*, no entanto, introduz candidatos ao papel de primeira. Pois tanto a matéria quanto a forma são naturezas do concreto particular, sem as quais ele não poderia existir, a matéria garantindo as potencialidades da mudança e a forma sendo a essência e definição do concreto particular.

A *'ousia'* em Aristóteles desempenha um papel ontológico necessário para a existência das demais categorias, o candidato das *Categorias* é o concreto particular justamente porque naquele momento Aristóteles considerava o concreto particular aquilo mais básico é próximo da realidade

"ousiai' primeiras como de sujeitos ou estão nelas como em sujeitos. Por conseguinte, se não houvesse *'ousiai'* primeiras, seria impossível haver alguma outra coisa" (2b5-6)

Com a introdução da composição da *'ousia'*, a matéria e a forma, o concreto particular deixa de ser ontologicamente básico, pois embora o concreto particular seja o ser mais básico "por natureza", sua existência é dependente dessas duas naturezas.

4.2 A resposta para “o que é”?

Para entender o deslocamento do papel de *'ousia'* que acontece entre o *Tratado das Categorias* e os livros da *Metafísica* é preciso entender de que forma a pergunta “o que é?” é relevante para o conceito de *'ousia'*.

A distinção entre “ser dito de” e “estar presente em” existe pois nem todas as características de um indivíduo podem ser consideradas sua definição, as coisas que são “presente em” Sócrates, como sua cor ou seu timbre. As características “ditas de” Sócrates por outro lado, como ser um ser vivo ou ser humano, são ditas de Sócrates na medida em que ele é Sócrates, logo não poderia perder tais características sem deixar de ser Sócrates.

Quando perguntamos “o que é Sócrates?”, nem todas as características que Sócrates tem podem ser consideradas uma resposta apropriada para “aquilo que é”, os atributos “presentes em” Sócrates são respostas incorretas pois apresentam apenas uma qualidade accidental de Sócrates.

ex: Sócrates é branco

Apesar de Sócrates ter a cor branca nele, a resposta “Sócrates é branco” é inapropriada para responder “o que é Sócrates”, uma vez que caso Sócrates pegue um bronzeado, ele deixará de ser branco e continuará sendo Sócrates.

Aquilo que é “dito de” Sócrates, por outro lado, é mais apropriado para tal resposta:

ex: Sócrates é humano.

Ser humano é algo “dito de” Sócrates justamente por ser algo do que Sócrates não poderia perder sem deixar de ser Sócrates.

Aristóteles dá preferência para os particulares porque ele nos dá uma resposta mais apropriada para a pergunta “o que é”, tanto “humano” quanto “ser vivo” são coisas “ditas de” Aristóteles, mas “humano” apresenta uma resposta mais satisfatória para a pergunta “o que é?” do que “ser vivo”.

Então com o surgimento do conceito de forma, essa se apresentou como uma candidata mais apropriada para a resposta “o que é?”, pois a forma de Sócrates é justamente a natureza por ser sua definição.

5 Conclusão

Assim, é possível demonstrar que a mudança de candidato a *'ousia'* que ocorre entre o *Tratado das Categorias* e os livros de *Metafísica* começa a ocorrer quando Aristóteles estabelece a estrutura interna da *'ousia'*, com o desenvolvimento do conceito de matéria e forma que ocorre nos livros *Física I e II*.

O *Tratado das Categorias* tem como objetivo desembaraçar as diferentes formas de se dizer o ente, como *'ousia'*, qualidade, quantidade, paixão etc... Enquanto isso o conceito de matéria e forma é estabelecido para explicar a mudança nos entes naturais, bem como sua manutenção da sua identidade no processo, isso em um contexto filosófico onde até mesmo a possibilidade de haver mudança era debatida.

A composição de matéria e forma que existe nos entes naturais é necessária para explicar o princípio de movimento interno que existe em todos os entes naturais, o crescimento, fortalecimento e reprodução de todas as demais mudanças que acontecem. Para haver mudança sem que se perca a identidade é necessário que haja

Embora a matéria e forma tenha surgido em uma discussão filosófica a respeito da mudança, um contexto diferente da análise das diferentes formas de ser, o conceito introduz uma série de complicações com os critérios estabelecidos para determinar aquilo que é mais propriamente *'ousia'*

O critério de prioridade que Aristóteles dá para os particulares por se aproximarem mais da pergunta "o que é?" estabelece que os universais existem por predicção da *'ousia'*. Algumas coisas se predicam da essência da *'ousia'* por serem "ditas de", enquanto outras são "presentes em", características que pertencem a outras categorias, existindo na *'ousia'*, mas não fazendo parte de sua essência,

O concreto particular é escolhido como *'ousia'* primeira no *Tratado das Categorias* porque quando Aristóteles escreveu o tratado, ele acreditava que os concretos particulares eram a entidade mais básica, as entidades das quais estavam todas as demais categorias e que não eram predicados de qualquer outra coisa.

Enquanto o concreto particular é de fato a entidade "por natureza" mais básica, suas duas naturezas se apresentam como princípios sem o qual ele depende para existir, além disso para definir o concreto particular é necessário que faça referência a sua matéria e sua forma.

Assim, a composição de matéria e forma perde a anterioridade, por natureza e temporal tanto para a forma, quanto por natureza.

De fato, nos livros de *Metafísica*, Aristóteles descarta rapidamente a hipótese de que o composto de matéria e forma possa ser '*ousia*', pois a '*ousia*' é aquilo que mais responde a pergunta "o que é?". E a aquilo que responde melhor essa pergunta é aquilo do qual todas as outras coisas são predicadas dele, mas que ele mesmo não é predicado nada,

Assim, através da análise do *Tratado das Categorias* e dos livros de Física, pode-se enxergar que mesmo antes de Aristóteles desenvolver os livros da *Metafísica*, onde altera o candidato do "concreto particular" para a "forma particular", já havia dificuldades em conciliar o conceito de matéria e forma com o candidato de '*ousia*' das *Categorias*.

Essa pesquisa não é exaustiva das dificuldades encontradas pelo "concreto particular" em desempenhar o papel daquilo que é mais propriamente '*ousia*' no '*frame*' temporal que essa pesquisa trabalha. O que essa pesquisa obtém êxito é em apresentar algumas das incompatibilidades existentes entre o papel ontologicamente privilegiado que Aristóteles dá para o termo '*ousia*', o candidato que ele apresenta no *Tratado das Categorias* e o conceito de matéria e forma apresentados nos livros de *Física*. Também obtém êxito em apresentar que essas incompatibilidades podem ser observadas sem os critérios ontológicos adicionais que Aristóteles apresenta nos livros da *Metafísica*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Santos, R. (2014), *“Aristóteles Categorias, Da interpretação”*, *Obras Completas do Aristóteles*, v. 1, t. 2, Mesquita, A. P, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda
- Angioni, L (2009) *Aristóteles Física I-II*, Campinas, Editora Unicamp.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*, livros VII e VIII. Tradução Lucas Angioni. *Clássicos da filosofia*, cadernos de tradução nº11. Editora Unicamp, 2005.
- WEDIN, M. *Aristotle’s Theory of Substance. The Categories and Metaphysics Zeta*. New York: Oxford University Press, 2000;
- GOMPERZ, T. *Greek Thinkers*, volume 4. Tradução G. G. Berry. London: Murray, 1912,
- PORFÍRIO. *Isagoge. Introdução às Categorias de Aristóteles*. Tradução, prefácio e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1994.
- As Categorias de Aristóteles e a Doutrina Dos Traços Do Ser*. Curitiba: Dois Pontos, agosto. 2013. Mensal.
- MORAVCSIK, J. M. E. *“Aristotle’s Theory of Categories”*, in *Aristotle. A Collection of Critical Essays*, ed. J. M. E. Moravcsik. Garden City, N. Y.: Doubleday, 1967.
- KAHN, C. *“Questions and Categories. Aristotle’s doctrine of categories in the light of modern research”* in: *Questions*, organização de Henry Hiz. Boston: D. Reidel, 1978.
- FREDE, M. 1987. *Essays in Ancient Philosophy*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- ANDRADE, Bianca. (2009). Categorias: questões acerca do esquema aristotélico frente a discussões modernas e contemporâneas. *Codex: Revista de Estudos Clássicos*. 1. 53. 10.25187/codex.v1i2.2834.
- REALE, G. *História da filosofia antiga vol.II: Platão e Aristóteles* e vol.V Léxico, Índices e Bibliografia. 2ª edição. Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz & Marcelo Perine. São Paulo. Edições Loyola. 2002.
- LEAR, J. *Aristotle: The Desire to Understand*. Cambridge. Cambridge University Press, 1988
- RYLE, G. *“Categories” in Collected Papers II*. New York: Barnes and Noble, 1971.
- PLATÃO *Parmênides*. Tradução, apresentação e notas por Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: PUC Rio e São Paulo: Edições Loyola, 2003.